

Aprendizagens interculturais: a percepção dos estudantes argentinos de uma experiência de internacionalização curricular em casa em tempos de pandemia¹

*Yuri Elias GASPAR²
Maurício GUEDES³
Gracia Maria CLÉRICO⁴*

Resumo

Neste artigo, objetivamos analisar aprendizagens interculturais vividas num projeto de internacionalização em casa desenvolvido pela Universidad Nacional del Litoral (UNL - Argentina) em parceria com universidades brasileiras. Para tanto, apresentamos a percepção de estudantes argentinos que participaram de grupos mistos com estudantes brasileiros numa experiência de intercâmbio curricular em disciplinas de psicologia no segundo semestre de 2020, desenvolvido de forma remota em função da pandemia Covid-19. Os dados, obtidos por meio de questionário, foram analisados segundo a perspectiva fenomenológica. Compreendemos como os estudantes esperam, percebem e avaliam o trabalho em grupos mistos numa posição de abertura, tomando a alteridade como convidativa. Mesmo diante das dificuldades do idioma e da organização do tempo, os estudantes avaliaram positivamente a experiência, elencando aprendizados interculturais como empatia, escuta, respeito. Concluímos que a experiência dos grupos mistos concretizou ideais centrais deste projeto: abertura, relacionamento e respeito com o outro numa experiência intercultural.

Palavras-chave: Fenomenologia. Grupos mistos. Intercâmbio curricular. Interculturalidade.

¹ O projecto conta com o financiamento da Universidad Nacional del Litoral na convocatória “Cursos de Acción para la Investigación y Desarrollo” (CAI+D) 2020.

² Doutor em Psicologia pela UFMG. Professor adjunto da UFVJM. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4217-4848>. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br

³ Doutor em Ciências pela UFMG. Professor adjunto da UFMT. E-mail: mausguedes@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação pela Universidad Católica de Santa Fe. Professora Adjunta da UNL. E-mail: graciamariaclerico@gmail.com

Intercultural learning: perception of Argentine students from an at home experience of curricular internationalization in pandemic times

*Yuri Elias GASPAR
Maurício GUEDES
Gracia Maria CLÉRICO*

Abstract

In this article, we aimed to analyze intercultural learning experienced in an at home internationalization project developed by the Universidad Nacional del Litoral (UNL) from Argentina in partnership with Brazilian universities. Therefore, we presented the perception of Argentine students who participated in mixed groups with Brazilian students in a curricular exchange experience in Psychology classes that took place in the second semester of 2020, developed remotely due to the Covid-19 pandemic. Data was obtained through survey and analyzed from a phenomenological perspective. We found out how students expect, perceive and evaluate working in mixed groups in an open way, taking alterity as an invitation. Even in face of difficulties as language barriers and time organization, students positively evaluated the experience, listing intercultural learnings such as empathy, listening and respect. Our findings show that the experience of the groups materialized the central ideals of this project: openness, relationship and respect for each other in an intercultural experience.

Keywords: Phenomenology. Mixed groups. Curriculum exchange. Interculturality

Aprendizajes interculturales: la percepción de los estudiantes argentinos acerca de una experiencia de internacionalización curricular en casa en tiempos de pandemia

*Yuri Elias GASPAR
Maurício GUEDES
Gracia Maria CLÉRICO*

Resumen

En este artículo, nuestro objetivo es analizar experiencias de aprendizaje intercultural en un proyecto de internacionalización en casa desarrollado por la Universidad Nacional del Litoral (UNL - Argentina) en convenio con universidades brasileñas. Para ello, presentamos la percepción de estudiantes argentinos que participaron en grupos mixtos con estudiantes brasileños en una experiencia de intercambio curricular en asignaturas de psicología en el segundo cuatrimestre de 2020, desarrollado de forma remota debido a la pandemia del Covid-19. Los datos, obtenidos a través de un cuestionario, fueron analizados desde una perspectiva fenomenológica. Comprehendimos que los estudiantes esperan, perciben y evalúan el trabajo en grupos mixtos en una posición de apertura, tomando la otredad como una invitación. Incluso ante las dificultades del idioma y la organización del tiempo, los estudiantes evaluaron positivamente la experiencia, enumerando aprendizajes interculturales como la empatía, la escucha, el respeto. Concluimos que la experiencia de los grupos mixtos materializó los ideales centrales de este proyecto: apertura, relación y respeto mutuo en una experiencia intercultural.

Palabras clave: Fenomenología. Grupos mixtos. Intercambio curricular. Interculturalidad.

Introdução

Num mundo em transformação e cada vez mais globalizado, a educação superior tem o desafio de educar para a interculturalidade e fomentar aprendizagens interculturais. De uma forma mais ampla, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO define interculturalidade como “presença e interação equitativa de diversas culturas e a possibilidade de gerar expressões culturais compartilhadas, adquiridas por meio do diálogo e de uma atitude de respeito mútuo” (UNESCO, 2006, p. 17). Neste artigo abordaremos o fenômeno das aprendizagens interculturais, que amiúde tem sido associada ao conceito de competências interculturais (CLEMENTE; MOROSINI, 2020), a partir de uma perspectiva fenomenológica, resgatando o sentido atribuído às experiências vividas no encontro com o outro.

De acordo com a perspectiva fenomenológica, o essencial do desenvolvimento humano é a apreensão, organização e construção de sentido no mundo. Desse modo, os sentidos não estão aí como se fossem coisas, pelo contrário, estes devem ser constituídos numa relação. Segundo López Saénz (1998), para explicar este processo, a fenomenologia apoia-se no termo *Lebenswelt* (o mundo da vida) no qual todo sentido se origina. E então analisa as vivências para transformá-las em experiências conscientes e ajudar as pessoas a compreender o que vivem. Porém, a análise não se restringe às experiências (tomadas enquanto facticidade), e sim, estuda suas conexões com outras (próprias e alheias) para oferecer continuidade e coerência. Assim, esta perspectiva contribui decisivamente para o desenvolvimento do pensamento e do ser. E, portanto, adequada para melhorar o juízo, e evidenciar o vínculo entre o pensamento e a ação.

Consideramos que aprendizagens interculturais refletem a aquisição de saberes e conhecimentos significativos, críticos e autônomos, fruto de uma interação dinâmica e complexa entre pessoas de diferentes culturas, que contribuem ao dar sentido ao seu próprio mundo e entrar em conexão com o mundo dos outros. E nesse processo envolve aspectos cognitivos, afetivos, relacionais e existenciais da aprendizagem.

Um dos tantos espaços educacionais em que há possibilidade para o desenvolvimento de aprendizagens interculturais é através da internacionalização acadêmica. Segundo Knight (2014), a Internacionalização da Educação Superior (IES) é um processo complexo e multifacetado que integra uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços de uma instituição. No entendimento de Morosini (2018), há outros dois conceitos que se constituíram fundamentais para a compreensão da IES: a) a internacionalização doméstica ou em casa (*Internationalization at home - IaH*), definida como qualquer atividade acadêmica internacional que se traduz em novas

oportunidades educativas sem que se exija a mobilidade de docentes ou estudantes nacionais para o estrangeiro; e b) a internacionalização do currículo, que consiste no desenvolvimento de experiências internacionalizadas para todos os estudantes por meio de iniciativas curriculares formais e/ou informais. Assim, a IES oportuniza ocasiões para o intercâmbio cultural e acadêmico entre estudantes, professores e servidores técnicos de diferentes países.

No presente artigo pretendemos focar na faceta da IES que se convencionou designar internacionalização em casa, destacando estratégias de internacionalização acadêmica desenvolvidas pela Universidad Nacional del Litoral (UNL), de Santa Fe, Argentina, a partir do Programa de Internacionalização dos Espaços Curriculares de Carreiras de Graduação.

Uma dessas experiências desenvolvidas pela UNL é o projeto de Internacionalização Curricular, que envolve disciplinas de psicologia, estabelecido com três universidades brasileiras e uma argentina.⁵ Desde 2016 se formou uma rede colaborativa de professores da área de psicologia que tem como objetivo propiciar e investigar encontros interculturais fomentados a partir de experiências de internacionalização. A metodologia com que se implementa esta experiência de internacionalização curricular é assim descrita por Ingui e Clérico (2019):

Las tareas que desarrollamos los participantes del proyecto incluye una serie de acciones conjuntas que involucran a docentes y estudiantes argentinos y brasileños. Se trata de clases, conferencias, reuniones entre los equipos docentes involucrados y jornadas académicas. Todo ello articulado por la realización de un trabajo de campo que consiste en una práctica instrumental de un estudio de casos comparativo entre las universidades, a lo que se incluyen tareas destinadas a la socialización y evaluación de la experiencia. Este proyecto busca promover la internacionalización curricular de nuestras disciplinas, fomentar la reflexión crítica y desarrollar relaciones interculturales entre las disciplinas involucradas por medio del intercambio teórico y del diálogo acerca de la adolescencia y juventud. (p. 112).

Dentre as atividades desenvolvidas semestralmente no âmbito das disciplinas de psicologia, destaca-se a elaboração do estudo de caso compartilhado sobre a subjetividade de adolescentes e jovens argentinos e brasileiros. Através da comparação dos casos de adolescentes estudados em ambos países, se pretende que os estudantes observem as similitudes e as diferenças entre as experiências, recuperando as contribuições teóricas das disciplinas e visando identificar o impacto da cultura na construção da subjetividade.

De 2016 a 2019 as turmas de cada universidade trabalharam de modo paralelo e, no final do semestre letivo, reuniram-se em encontros virtuais para a socialização dos estudos de caso entre os

⁵ As universidades brasileiras são a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A universidade argentina é a Universidade Autónoma de Entre Ríos (UADER).

participantes de ambos países (CLÉRICO; LEITE; GUEDES, 2021). Porém, no ano de 2020, em função da pandemia por Covid-19 e da adoção do ensino remoto emergencial, buscou-se ampliar a integração entre estudantes desses dois países, considerando que todas as atividades acadêmicas aconteceriam por meio de ambientes virtuais de aprendizagem e ferramentas tecnológicas.

Desse modo, no primeiro semestre letivo, foi desenvolvida uma experiência piloto com a criação de grupos mistos de trabalho, formados por estudantes argentinos e brasileiros para a realização do estudo de caso. Neste trabalho, focaremos na experiência vivida no segundo semestre letivo de 2020.

Interculturalidade como oportunidade de encontro e aprendizado

A interculturalidade é um tema relativamente novo do ponto de vista da conceitualização e teorização, e percebe-se que se trata de um fenômeno complexo, transversal e multidimensional (CLÉRICO; BONELLI; INGÜI, 2019; TIJOUX; SCOGNAMILLO, 2019) De maneira mais ampla, as definições de interculturalidade perpassam a ideia de respeito, de reconhecimento e de direito na relação entre pessoas ou grupos sociais de culturas diferentes (CLÉRICO; LEITE; GASPAR, 2020; UNESCO, 2006). A interculturalidade, em particular na América Latina, é marcada por uma clara aposta no diálogo, que se sustenta, segundo Vallescar Palanca (2001), em dois princípios: “o da coexistência dialógica-relacional do ser humano, a partir da qual todo ato de perceber, pensar, sentir e atuar se realiza em relação a algo ou alguém, e o da originalidade de cada cultura, o que implica a negação de atitudes de dominação, conversão e imposição de modos de ser e pensar” (p. 22). De acordo com Clérico e Ingüi (2018), no terreno da interculturalidade, os processos de integração se relacionam com a questão do reconhecimento da diversidade e da igualdade como duas dimensões intrínsecas à condição humana.

Assim, o enfoque intercultural, como assinalam Stefoni, Stang y Ridemann (2016), pressupõe o diálogo e a comunicação como eixos centrais para intervir nos processos e não somente acompanhá-los, como acontece na perspectiva multicultural. Nesse sentido, a interculturalidade é uma concepção mais relacional do que a ideia de multiculturalidade, e ressalta a importância do encontro como ocasião frutífera de aprendizado. Segundo Meer e Modood (2012), a interculturalidade tem como ideal o desenvolvimento de uma coesão que considere a singularidade e a multiplicidade das identidades, abrindo caminho para o reconhecimento e a constituição de um sistema comum de valores. Enquanto o multiculturalismo celebra a diferença, a interculturalidade busca fomentar

relações interculturais que gerem compartilhamento da vida e integração. Portanto, a interculturalidade não se baseia em indivíduos ou grupos específicos, mas em interações.

Nesse sentido, a partir das contribuições da sociologia relacional proposta por Donati (2010), podemos compreender a centralidade da relação social para a constituição da interculturalidade. A relação intercultural se configura como fenômeno emergente, não definível a priori, seja pelos sujeitos, seja pela própria situação. Há um contexto relacional que condiciona o posicionamento de cada pessoa no encontro e na elaboração da presença do outro (GASPAR, MAHFOUD, 2013).

Ancorando-se na perspectiva fenomenológica husserliana, Di Martino (2008) descreve como se constitui a experiência de encontro intercultural, evidenciando como ela é ocasião para que os sujeitos envolvidos problematizem a si mesmo, o outro e o mundo. Tal problematização produz uma consciência renovada, na medida em que a pessoa se vê solicitada a reelaborar aquilo que era óbvio em sua experiência, perguntando-se se os próprios fatores decorrem exclusivamente do hábito ou se ligam à experiência humana em sua estrutura universal.

Portanto, a experiência de encontro intercultural pode fomentar posições tanto de autocrítica quanto de adesão mais profunda à própria tradição, e gerar aprendizagens interculturais ancoradas na própria experiência e na relação vivida (GASPAR, MAHFOUD, 2013).

Descrição da experiência de intercâmbio

No segundo semestre letivo de 2020, a experiência do projeto de Internacionalização Curricular em análise foi realizada apenas com estudantes de duas instituições: Universidad Nacional del Litoral (UNL) e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). A maioria dos estudantes que participaram desta etapa tinha entre 20 e 25 anos. Os argentinos eram de três cursos de licenciatura (Nutrição, Obstetrícia e Filosofia) e um de bacharelado (Terapia Ocupacional). Os estudantes brasileiros eram todos do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

A ideia de grupos mistos de trabalho descrita foi replicada, mas com uma diferença: cada grupo contou com a presença de um aluno monitor (estudante participante de semestres anteriores) e de um professor, pertencentes às quatro universidades parceiras. O propósito dessa composição ampliada era incrementar o conhecimento mútuo da realidade sociocultural de cada grupo. Os demais estudantes que não integraram os grupos mistos realizaram a mesma tarefa, o estudo de caso, porém em grupos formados sem a presença de pares de outro país.

A formação dos grupos mistos se deu através de convite aberto aos estudantes interessados em trabalhar conjuntamente com colegas de outro país. Assim foram criados três grupos mistos de trabalho. Para encaminhar as atividades dos grupos realizaram-se encontros quinzenais coordenados pelos professores e monitores. Os demais procedimentos se deram através de grupos de *WhatsApp* e outros meios de comunicação. Os primeiros encontros foram destinados para a apresentação dos integrantes de cada grupo, da realidade sociocultural de cada país e universidades envolvidas. Também foram apresentados os objetivos do estudo caso e demais informações sobre a realização desta atividade.

A elaboração do estudo de caso é composta por etapas tais como, a escolha do adolescente, a realização da entrevista, a análise e discussão dos dados, a redação do trabalho final e a socialização dos achados nos estudos de caso. Para realizar a entrevista com o adolescente, cada grupo recebeu, inicialmente, um guia estruturado em cinco eixos temáticos: identificação, família, comunidade, experiência escolar e percepção da adolescência na atualidade. Assim, os integrantes dos grupos mistos realizaram entrevistas conjuntas com adolescentes de ambos países, transcreveram as mesmas, comparando os casos argentinos e brasileiros, e elaboraram a parte escrita do trabalho. Além disso, se pediu aos estudantes que registrassem, na forma de um diário de campo, as descobertas e aprendizagens durante o percurso.

No fim do semestre, os três grupos mistos e os grupos formados por estudantes do mesmo país concluíram o trabalho escrito e apresentaram os resultados dos estudos de caso num encontro de socialização. Assim foi possível fazer comparações entre os casos argentinos e brasileiros e uma avaliação do trabalho conjunto e das aprendizagens alcançadas neste processo.

Como é de praxe, foi solicitado aos estudantes que avaliassem a sua experiência de internacionalização curricular. Através de um questionário *Google Forms*, os participantes avaliaram os seguintes aspectos: o trabalho em grupos mistos, os recursos tecnológicos utilizados; a experiência didático-pedagógica; e sugestões para futuros trabalhos conjuntos. Essas informações, coletadas semestralmente, formam um banco de dados que serve para o aperfeiçoamento da proposta de intercâmbio e publicações acadêmicas.

Considerando esses aspectos, o objetivo do presente artigo é analisar as aprendizagens interculturais a partir das percepções de estudantes argentinos que participaram dos grupos mistos na experiência de intercâmbio curricular do segundo semestre letivo de 2020.

Percurso metodológico

Os dados apresentados e analisados neste artigo foram extraídos de um questionário que integra o banco de dados do Projeto de Internacionalização Curricular, e resultam da avaliação realizada por estudantes argentinos como parte da experiência de intercâmbio implementada no segundo semestre letivo de 2020. Foi adotada uma abordagem qualitativa onde a análise dos dados resultam de uma apresentação descritiva e interpretativa.

Esta análise baseou-se na perspectiva fenomenológica (Ales Bello, 1998; Van der Leeuw, 1964) que objetiva apreender os elementos constitutivos do fenômeno em questão, isto é, da realidade que se mostra a alguém, reconhecendo assim a relação originária sujeito-mundo. Para tanto, a análise se voltou para os dados compreendendo-os enquanto experiência. Deste modo, buscamos descrever as conexões de sentido entre as diferentes vivências. A partir daí, foi possível reconstruir uma experiência compartilhada que evidenciou elementos estruturais do fenômeno em análise. Van der Leeuw (1964) destaca diretrizes metodológicas que nos possibilitaram concretizar esta modalidade de análise fenomenológica, quais sejam: nomeação das vivências, tornando-as inteligíveis; inserção metódica das vivências na própria vida; suspensão dos pré-juízos para acolher o que se mostra; clarificação e compreensão das conexões de sentido das vivências elucidadas; retificação contínua das compreensões alcançadas; reconstrução do fenômeno investigado enquanto experiência.

Baseando-nos nestas diretrizes, realizamos leitura contínua e análise sistemática dos dados colhidos no questionário, buscando apreender as percepções dos estudantes enquanto experiências vividas. Organizamos tais experiências nos seguintes eixos temáticos: expectativas, desafios e aprendizados.

No tópico “Resultados e Discussão”, apresentamos a análise destes eixos e, para facilitar a compreensão, foram grafadas em itálico as respostas dos estudantes retiradas do questionário.

Resultados e Discussão

Ao serem questionados acerca das expectativas sobre o trabalho em grupos mistos, os estudantes argentinos responderam tematizando a questão do *conhecimento*. O interessante é que o conhecimento almejado não se restringia à dimensão técnica ou mesmo à apreensão de determinado conteúdo por meio da realização do trabalho. Cada estudante, a seu modo, reverberou um anseio por conhecer o “outro”, o diferente, seja ele o adolescente entrevistado, os demais colegas de turma, os estudantes de outro país, de outra cultura. Enquanto algumas respostas ressaltaram a busca por

conhecer outras *culturas*, *de outro país*, outras enfatizaram a possibilidade de *interagir*, de *intercambiar*, de se comunicar com alguém “*de outro país*”, com *pessoas novas*, conhecer suas *ideias*, *pontos de vista*. Já outra resposta evidenciou a possibilidade de *ampliar* seus conhecimentos sobre *adolescência*.

Acompanhemos um trecho mais longo de uma resposta que, de certo modo, sintetiza as expectativas dos estudantes:

Tinha como expectativa poder conhecer e compartilhar modos de aprendizagem e intercâmbios com estudantes de outro país, conhecer seus pontos de vista, intercambiar ideias, realizar trabalhos e conhecer um pouco sobre a cultura, assim como poder estabelecer um bom vínculo para trabalhos futuros.

Podemos então compreender como os estudantes percebem a alteridade como convidativa, mobilizadora, percepção esta potencializada pela possibilidade do encontro intercultural. O outro não é percebido como ameaçador: o desconhecido é objeto de interesse, instiga o conhecimento. Além disso, compreendemos como os estudantes percebem, esperam e tomam a possibilidade de realizar o trabalho intercultural com grupos mistos numa posição de abertura para a experiência a ser vivida. A nosso ver, essa posição de abertura facilitou a própria concretização dos trabalhos em grupos mistos, mesmo diante das dificuldades.

Finalizado o trabalho prático, enquanto alguns estudantes avaliaram que a experiência vivida na realização do estudo de caso *atendeu e superou* as expectativas (“*creio que sim, minhas expectativas foram alcançadas e até superadas*”, “*superou amplamente minhas expectativas*”), outros tematizaram que a expectativa de *se relacionar* com estudantes brasileiros “*não foi alcançada*”.

Identificamos que alguns impasses vivenciados por integrantes argentinos dos grupos mistos (como veremos a seguir) foram percebidos como dificultadores do estabelecimento desse vínculo intercultural com estudantes do Brasil, frustrando a expectativa inicial. E, a partir de uma análise mais ampla da experiência, percebemos que, além dos desafios por eles elencados, a realização das atividades de forma virtual foi também um fator que, em certa medida, contribuiu para a frustração dessa expectativa inicial.

Adentrando então nos desafios vivenciados, os estudantes argentinos perceberam como o idioma estrangeiro (o português) foi um dificultador para a realização dos estudos de caso. Seja no momento de “*entender corretamente o que o outro estava dizendo*”, ou de “*comunicar (...) com alunos e professores brasileiros*”, o idioma se mostrou como uma barreira desafiante. Apreendemos que o idioma é percebido como impasse justamente porque dificulta a concretização desta busca por entender e se comunicar com outro numa experiência de encontro intercultural.

Diante disso, alguns estudantes descreveram alternativas encontradas para dirimir essa barreira,

como a utilização do *Google Translate*, ferramenta virtual gratuita de tradução simultânea. Podemos afirmar como os estudantes tomaram o desafio como uma ocasião de posicionamento, mobilizando recursos criativos (que os professores e monitores a princípio não haviam sugerido) para minimizar os impactos negativos desta barreira. Nesse sentido, o idioma não é um problema em si, um limite que inviabiliza o encontro, mas emerge como uma questão a ser enfrentada, sendo elaborada inclusive como aprendizado intercultural.

Ainda no que se refere ao idioma, no questionário, alguns estudantes disseram dominar a língua inglesa. Compreendemos então como na sociedade globalizada em que vivemos, o idioma inglês é tomado como a principal recurso para a comunicação com outros países, e os demais idiomas são relegados a segundo plano, ainda que sejam mais utilizados em países vizinhos, como é o caso.

Além do idioma, um outro desafio elencado pelos estudantes argentinos se refere à organização do *tempo*. Este desafio se materializou em diferentes momentos: na *coordenação* dos horários para *agendar*, *realizar* e *transcrever* a entrevista; no momento de *reunir* todos os membros do grupo; na etapa de *elaboração* dos informes exigidos pelo estudo de caso; e na hora de *conciliar* com outras atividades (acadêmicas ou não). Como uma das respostas pontua: “*Aprendi nesta experiência a usar de modo mais eficiente possível o tempo disponível para alcançar as metas estabelecidas*”. Este é um desafio típico do contexto universitário, ainda mais numa modalidade de trabalho de estudo de caso em grupo misto que exigia tempo, disponibilidade, participação e empenho durante todo o semestre. Compreendemos que este desafio, de certo modo, é também uma ocasião de aprendizado intercultural, já que os estudantes se viram solicitados a se organizarem para dar conta de todo o trabalho exigido. Além disso, percebemos a importância dos monitores nesse processo de conciliação do tempo, já que eles buscaram ativamente mediar essa organização e enfrentar esse desafio.

Por fim, os estudantes argentinos evidenciaram como a experiência de realização dos estudos de caso em grupos mistos trouxe diferentes tipos de aprendizados potencializados pela experiência de encontros interculturais. Apresentamos e analisamos tais aprendizados em quatro tópicos:

1) Quanto à temática do trabalho, os estudantes destacaram o *enriquecimento* de conhecimentos sobre *psicologia*, *subjetividade*, *adolescência*, e o desenvolvimento de interesses de estudo até então incipientes. Percebemos então como a experiência de encontro com uma cultura diversa pode estimular o conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo.

2) Quanto à realização do estudo de caso em sua totalidade, os estudantes pontuaram diversos aprendizados interculturais como a importância de valorizar e cultivar atitudes éticas que buscam olhar, compreender e respeitar o outro como a *paciência*, a *tolerância*, a *abertura*, o *respeito* e a

solidariedade. Como evidenciado em uma das respostas: “[Nesta experiência aprendi] *a cultivar a virtude, a paciência e a tolerância com o outro, alguém diferente e particular*”. Especificamente sobre as entrevistas com adolescentes, os estudantes argentinos destacaram-na como ocasião significativa para exercitar uma *escuta ativa* do outro, para “*abdicar dos próprios preconceitos*” e para buscar “*maior compreensão sobre as diversas realidades*”, sobre “*as experiências adolescentes de países distintos*”. A partir dos relatos, é interessante observar como os aprendizados interculturais elencados se referem à forma de compreender, de se relacionar e de trabalhar com o outro. Nesse sentido, compreendemos como a alteridade emerge novamente como um fator significativo, ocasião de encontro e de aprendizado. Além disso, percebemos como a entrevista é uma ferramenta interessante tanto para conhecer o outro em sua singularidade e diversidade quanto para aprender a partir desse encontro.

3) Quanto ao trabalho em grupos mistos, os estudantes refletiram sobre a proposta e o modo como ela se concretizou, realçando a importância de sua *flexibilidade* e a necessidade de *se dedicar para “aprender melhor”* e de “*usar o tempo de modo mais eficiente para alcançar as metas estabelecidas*”. Porém, o aspecto mais destacado foi a possibilidade de *comunicar, respeitar e aprender* com os demais membros do grupo (brasileiros e argentinos), e de reconhecer o outro tanto em sua *diferença e particularidade*, quanto em sua *proximidade*. Acompanhemos duas respostas sobre esse tema:

Aprendi que, por mais que não se entenda algo, temos que fazer um esforço e tudo irá melhorar. As coisas, como tempo e dedicação, sempre se aprendem melhor. Também aprendi que pensamos que os outros países pensam de forma diferente, mas este trabalho mostrou que nem tudo é como pensamos e que na realidade somos muito parecidos. E por último me ensinou a ser mais solidária, mais compreensiva.

Agradeço a oportunidade de participar do estudo de caso, e poder me aproximar de outra cultura de um país latinoamericano.

Portanto, a partir de tais elaborações, apreendemos a potencialidade do encontro intercultural como ocasião de relacionamento frutífero e enriquecedor que respeita, a um só tempo, a diversidade cultural e a dignidade humana.

4) Por fim, os estudantes pontuaram que, mesmo diante do desafio da língua estrangeira, “*o idioma não é um obstáculo*”, e este trabalho foi uma ocasião de “*aprender um pouco*” sobre o português. Nesse sentido, como afirmado anteriormente, compreendemos como o idioma, mesmo sendo vivido como desafiante, não comprometeu a execução da proposta. Pelo contrário: ele foi tomado como uma ocasião de *aprendizado intercultural*.

Em síntese, podemos inferir que os aprendizados interculturais elencados pelos estudantes contemplam tanto ganhos acadêmicos quanto pessoais. E que a realização do trabalho em grupos

mistos possibilitou o desenvolvimento de habilidades, competências e virtudes que enriquecem a pessoa e revelam o outro em sua singularidade e humanidade. Além disso, destacamos como a aprendizagem intercultural é relacional e, nesse sentido, não se limita ao conteúdo teórico da disciplina.

Confrontando os resultados elaborados acima com outras experiências de internacionalização semelhantes que fomentam a interculturalidade, podemos compreender convergências no que se referem às expectativas, desafios e aprendizados obtidos.

Barbosa, Santos e Prado-Meza (2020), em estudo qualitativo investigando duas iniciativas de Internacionalização em Casa realizadas a partir de uma universidade portuguesa, pontuaram como os estudantes reconheceram o desenvolvimento de habilidades interpessoais, interculturais e de comunicação a partir da participação nestes projetos. Dentre tais habilidades descritas, destacamos o trabalho em equipe, a tolerância, a negociação e o comprometimento, habilidades que se encontram em consonância com o que observamos na avaliação dos estudantes argentinos. Além disso, os supracitados autores pontuaram como o idioma (no caso, o inglês) foi um desafio, uma vez que todos os estudantes necessitaram se comunicar nesta língua. No entanto, assim como na experiência aqui descrita, puderam observar que os estudantes tomaram este desafio como ocasião de aprendizado, aperfeiçoando a compreensão e a expressão da língua escolhida. Além disso, a partir da análise realizada, é possível afirmar que o trabalho em grupos mistos, realizado em todas essas iniciativas, pode potencializar os encontros interculturais e os aprendizados daí obtidos.

Já Vinagre Laranjeira (2010) desenvolveu um estudo sobre aprendizagens interculturais em ambientes virtuais de colaboração. Esta pesquisa se refere aos resultados de um intercâmbio telecolaborativo entre estudantes de uma universidade espanhola e uma irlandesa. Os estudantes colaboraram eletronicamente por meio de email usando sua língua materna e a língua estrangeira para interagir com outros colegas. Os dados foram coletados utilizando-se uma triangulação de instrumentos que incluía o conteúdo das mensagens enviadas por email, os diários de aprendizado, os acontecimentos significativos e os questionários de autoavaliação. Nestes intercâmbios interculturais, os estudantes elaboraram e compararam temas culturais distintos como pontos de partida para discussões posteriores. Assim, os estudantes comentaram “o quanto se parecem”, ou que “ambos são iguais”, generalizações relevantes levando em consideração a cultura enquanto conceito relativo. A investigação adotou os critérios de Byram (2000) para a avaliação da experiência intercultural. Nestes critérios se incluem o interesse por conhecer o modo de vida de outras pessoas e por apresentar a própria cultura a outros, a habilidade para mudar de perspectiva, o conhecimento

da própria cultura e da cultura do outro para a comunicação intercultural e o conhecimento sobre o processo de comunicação intercultural. Os resultados mostraram que a maioria dos exemplos encontrados pertencem à categoria do interesse por conhecer o modo de vida de outras pessoas e por apresentar a própria cultura a outros. A segunda categoria com maior número de exemplos foi o conhecimento da própria cultura e da cultura do outro para a comunicação intercultural (VINAGRE LARANJEIRA, 2010). Na experiência aqui analisada, não adotamos essas categorias teóricas, mas podemos observar que as respostas dos estudantes argentinos valorizam a chamada comunicação intercultural, sobretudo quando se referem ao estabelecimento de vínculos com alguém de outro país e ao desenvolvimento de empatia e de compreensão do outro.

Além disso, em sintonia com Vinagre Laranjeira (2010), destacamos também como os resultados desse projeto evidenciam possíveis benefícios da utilização de novas tecnologias e recursos virtuais para a aprendizagem intercultural.

Considerações finais

A partir do modo com o qual os estudantes argentinos avaliaram a experiência de participação nos grupos mistos, percebemos como essa modalidade de trabalho é uma ocasião particularmente significativa para a concretização de um dos objetivos principais da internacionalização curricular: a aprendizagem intercultural.

O trabalho em grupos mistos oferece aos estudantes uma oportunidade única de entrar em contato com estudantes de outro país e de outras culturas, potencializando a concretização de encontros interculturais e a apropriação de conhecimentos específicos das disciplinas de psicologia envolvidas, como a experiência da adolescência nas culturas argentina e brasileira. Além disso, por meio destes grupos, os participantes tiveram a oportunidade de desenvolver aprendizagens de ordem acadêmica, profissional e pessoal. E, a partir do olhar fenomenológico, compreendemos como essas aprendizagens acontecem enquanto experiência vivida pessoalmente nas relações cotidianas, o que contribui para a formação humana complexa e integrada dos estudantes no contexto universitário.

Portanto, este trabalho com grupos mistos nos permitiu avaliar e recolocar os objetivos de nosso projeto de modo mais complexo, potencializando diferentes experiências interculturais, particularmente dinâmicas e enriquecedoras. Pudemos observar essas aprendizagens interculturais em ato a partir do encontro entre os próprios estudantes dos grupos mistos, uma vez que esses encontros estavam mais restritos aos docentes ou aconteciam nos momentos de socialização.

A realização desta pesquisa levando em consideração somente os estudantes argentinos durante

um semestre letivo ou restringindo tais avaliações aos questionários respondidos são limitações do presente artigo. Nesse sentido, como desdobramento em outros estudos, seria interessante verificar como os estudantes brasileiros avaliam essa experiência, além de propor outras formas de apreensão dos dados, como entrevistas em profundidade.

Não obstante tais limitações, é possível reafirmar como essa experiência dos grupos mistos se constitui como uma nova modalidade de trabalho, distinta das práticas acadêmicas habituais, e nos possibilita concretizar ideais centrais do nosso projeto (e, por que não, da própria universidade), dentre os quais destacamos a abertura, o encontro, o relacionamento e o respeito com o outro numa experiência intercultural. Os contínuos espaços de reflexão sobre as dificuldades, ganhos e desafios que se apresentam constituem como uma ocasião para valorizar estes novos saberes. Esta experiência se mostra assim como uma aprendizagem significativa que enriquece a formação pessoal e profissional de todos os envolvidos.

Referências

ARAGONÉS, A. E. M.; PÉREZ, A. B. E. **El aprendizaje intercultural**. Portal del Servicio Nacional de Apoyo eTwinning. 2020. Disponível em: <http://etwinning.es/es/el-aprendizaje-intercultural/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BARBOSA, B.; SANTOS, C.; PRADO-MEZA, C. There is no one way to internationalization at home: Virtual mobility and student engagement through formal and informal approaches to curricula. **Revista Lusófona de Educação**, v. 47, p. 85-98, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BYRAM, M. Assessing intercultural competence in language teaching. **Sprogforum**, v. 18, n. 6, p. 8-13, 2000.

CLEMENTE, F. A. S.; MOROSINI, M. C. Competências interculturais: interlocuções conceituais e uma proposta de releitura para a educação superior. **Educação e Pesquisa**, v. 46, e216262, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046216262>. Acesso em: 3 nov. 2021.

CLÉRICO, G.; BONELLI, M; INGÜI, P. El voluntariado como espacio formativo en competencias interculturales. Un aporte para la integralidad de la formación universitaria. +E: **Revista de Extensión Universitaria**, v. 9, n. 11, p. 110-129, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14409/extension.v9i11.Jul-Dic.8717>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CLÉRICO, G. M.; INGÜI, P. Interculturalidad e internacionalización curricular en la enseñanza de Psicología: transformar realidades e interrogar la disciplina. Em **Anais III Congreso Internacional de Psicología. VI de Congreso Nacional de Psicología, Ciencia y Profesión “Desafíos para la Construcción de una Psicología Regional”**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2018.

CLÉRICO, G. M.; LEITE, R. V.; GASPAR, Y. E. Diversidade cultural e igualdade humana: uma nova classificação de perspectivas interculturais do século XX. **Memorandum: memória e história em psicologia**, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2020.14927>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CLÉRICO, G. M.; LEITE, R. V.; GUEDES, M. **Interculturalidad en la internacionalización curricular de la educación superior en universidades argentinas y brasileñas: memorias de una red colaborativa del área de psicología**. In: SUZUKI, J. C. et al (Orgs.). *Intelectuais em Circulação na América Latina: diálogos, intercâmbios, redes de sociabilidade*. São Paulo: FFLCH/USP, 2021. Volume II. Série: diálogos interdisciplinares.

DI MARTINO, C. L'incontro e l'emergenza dell'umano. In: PRADES, J (Org.). **All'origine della diversità: le sfide del multiculturalismo**. Milano: Guerini, 2008. p. 85-103.

DONATI, P. **Oltre il multiculturalismo: la ragione relazionale per un mondo comune**. Roma: Laterza, 2010.

GASPAR, Y. E.; MAHFOUD, M. Centralidade da experiência e da relação social para a compreensão do encontro inter-religioso na realidade brasileira. **Interações: cultura e comunidade**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, jul/dez, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2013v8n14p362>. Acesso em: 20 abr. 2022.

INGÜI, P.; CLÉRICO, G. Interrogar la enseñanza de la Psicología desde la internacionalización curricular intercultural. **Anuario de Investigaciones de la Facultad de Psicología**, v. 4, n. 4, p. 110-129, 2019.

KNIGHT, J. Understanding Education Hubs within the Context of Crossborder Education. In: KNIGHT, J. (Org.). **International Education Hubs: student, talent, knowledge-innovation models**. New York: Springer, 2014. p. 13-27.

MOROSINI, M. C. Internacionalização do currículo: produção em organismos multilaterais. **Roteiro**, v. 43, n. 1, p. 115-132, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/13090>. Acesso em: 3 nov. 2021.

MEER, N.; MODOOD, T. How does Interculturalism Contrast with Multiculturalism?. **Journal of Intercultural Studies**, v. 33, n. 2, p. 175-196. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07256868.2011.618266>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LÓPEZ SÁENZ, C. Enseñar a pensar desde la Fenomenología. **Ialateia: Philosophy and Children**. 1998. Disponível em: <https://www.bu.edu/wcp/Papers/Chil/ChilSaen.htm>. Acesso em: 3 nov. 2021.

STEFONI, C.; STANG, F.; RIEDEMANN, A. Educación e interculturalidad en Chile: un marco para el análisis. **Estudios Internacionales**, v. 185, p. 153-182, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/81648462.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VALLESCAR PALANCA, D. Consideraciones sobre la interculturalidad y la educación. In: HEISE, M. **Interculturalidad, Creación de un concepto y desarrollo de una actitud**. Lima: Inversiones Hatuey S.A.C., 2001. pp. 115-136. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/110414.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VINAGRE LARANJEIRA, M. El aprendizaje intercultural en entornos virtuales de colaboración. **RESLA**, v. 23, p. 297-317, 2010.

TIJOUX, M. E.; SCOGNAMILLO, B. **Acerca del interculturalismo, multiculturalismo y otros conceptos**: Una perspectiva global y latinoamericana en vista de la diversidad cultural, las migraciones y la salud. Universidad Alberto Hurtado y Universidad de Chile, 2019.

UNIVERSIDAD NACIONAL DEL LITORAL. RESOLUCION RECTORAL Nº 529/19. Aprobación de proyectos de internacionalización curricular de espacios de grado. 2019.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Directrices de la UNESCO sobre la educación intercultural**. Sección de Educación para la Paz y los Derechos Humanos División de Promoción de la Educación de Calidad Sector de Educación. UNESCO, París, 2006.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 11/01/2022
Aprovado em: 05/02/2022